

Mitofísicas do Lactationoceno x Manifestos Materfuturistas: Fabulações Contranegacionistas

Proponente: Cecília Cavaliéri

Instituição: Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) / Linha de Pesquisa Filosofia e a Questão Ambiental

Supervisora: Déborah Danowski



Lua de leite [monika & leo], 2019

A presente pesquisa se insere nos estudos da virada especulativa na filosofia, mais especificamente a virada para o não-humano [*nonhuman turn*] como uma das maneiras de pensar e viver com o Antropoceno – e, nas palavras de Bruno Latour, “diante de Gaia” – a partir de um olhar multiespecífico aliado, sobretudo, aqui, às artes. Ele se junta aos esforços pela afirmação de uma prática artística e filosófica implicada com as ciências, com a antropologia, com os estudos animais e feministas; não em uma já tradicional tradução entre esses campos [que vê a arte como grande leitora ou interpretadora do mundo], mas em outra direção: a da tentativa da criação conjunta de uma porosidade entre eles; mais simplesmente falando, a ideia é produzir uma conversa interdisciplinar que desinvisibilize um vocabulário – e crie outros, talvez capazes de auxiliar a sensibilização às profundas e múltiplas crises (ou enrascadas) de nossa atualidade. Assim, a “substância leite” (literal, material e metaforicamente) será o “totem” com ou contra o qual buscaremos construir um léxico conceitual e visual a partir da premissa “tentacular” da SF de Donna Haraway. SF é abreviação clássica para ficção científica [Science Fiction], na língua inglesa, estilo narrativo que informa declaradamente o trabalho de Haraway. A essa sigla, Haraway atribui uma série de “modalidades” do contar não apenas histórias ou estórias, mas fatos. Assim, SF é String Figures [figuras de corda, o jogo-contação de histórias da cultura Navajo], Speculative Fabulation [Fabulação Especulativa], Science Fact [Fato Científico], Speculative Feminism [Feminismo Especulativo], So Far [Até Agora]. Assim como ocorre com as figuras de corda [aqui no Brasil mais conhecidas como cama-de-gato], as possibilidades de conceitos produzidos pela SF são inúmeros. Para a autora, a “ficção científica é essa potente sigla material-semiótica para as riquezas de todas as SFs”. No projeto e atenta à tradução da FC em nossa língua [Ficção Científica, Fato Científico...], proponho a FC de Fabulação Contranegacionista nomeando as narrativas produzidas no encontro entre arte e filosofia, informados pela polifonia disciplinar de nosso totem, o leite.

Uma observação sobre o uso da palavra “contranegacionista”. Em seu mais recente projeto junto ao CNPq, “Antropoceno, holocausto e negacionismo”, a filósofa Déborah Danowski vem problematizando o negacionismo climático (e, dentro deste, sobretudo o negacionismo que ela chama de “profissional” [Oreskes & Conway 2010]. Diz Danowski que ele é “um dos principais responsáveis pela situação atual de quase total paralisia de nossa sociedade quanto à absoluta urgência que representa a crise ecológica. Ele é um dos responsáveis pelo estado de *denegação* de boa parte da própria população em relação a tudo que é preciso fazer e mudar para mantermos nosso planeta *habitável* para nós e para a maioria das outras espécies”. Em minha tese de doutorado “*Notas metafísico-metabólicas de uma experiência mamífera*” [PPGAV/UFRJ, 2022], parto de uma análise estético-filosófica da noção de leite para tentar produzir uma fratura epistêmica no seio da experiência mamífera ocidental, questionando os persistentes extrativismos, invisibilizações e lacunas na história do aleitamento humano e outro-que-humano no Antropoceno, a partir de perspectivas contracoloniais, feministas e científicas: “Leite não é produto, é um produzir-com”. A metodologia filosófica para pensar uma dinâmica biofísica no corpo da arte é a interdisciplinaridade que o projeto demanda. A crise do Antropoceno não é disciplinar nem pode ser lida pelas disciplinas separadamente. Ela desestabiliza as linguagens dominantes

e esta é a potência do encontro das pesquisas – minha e de Danowski – no projeto. Nesse sentido, o que chamo aqui de FCs é a hipótese [a ser testada] de que é possível e necessário hoje pensar filosoficamente os processos artísticos implicados com as práticas científicas que estejam preocupadas em contrastar o forte e longo negacionismo do ato mesmo das amamentações.

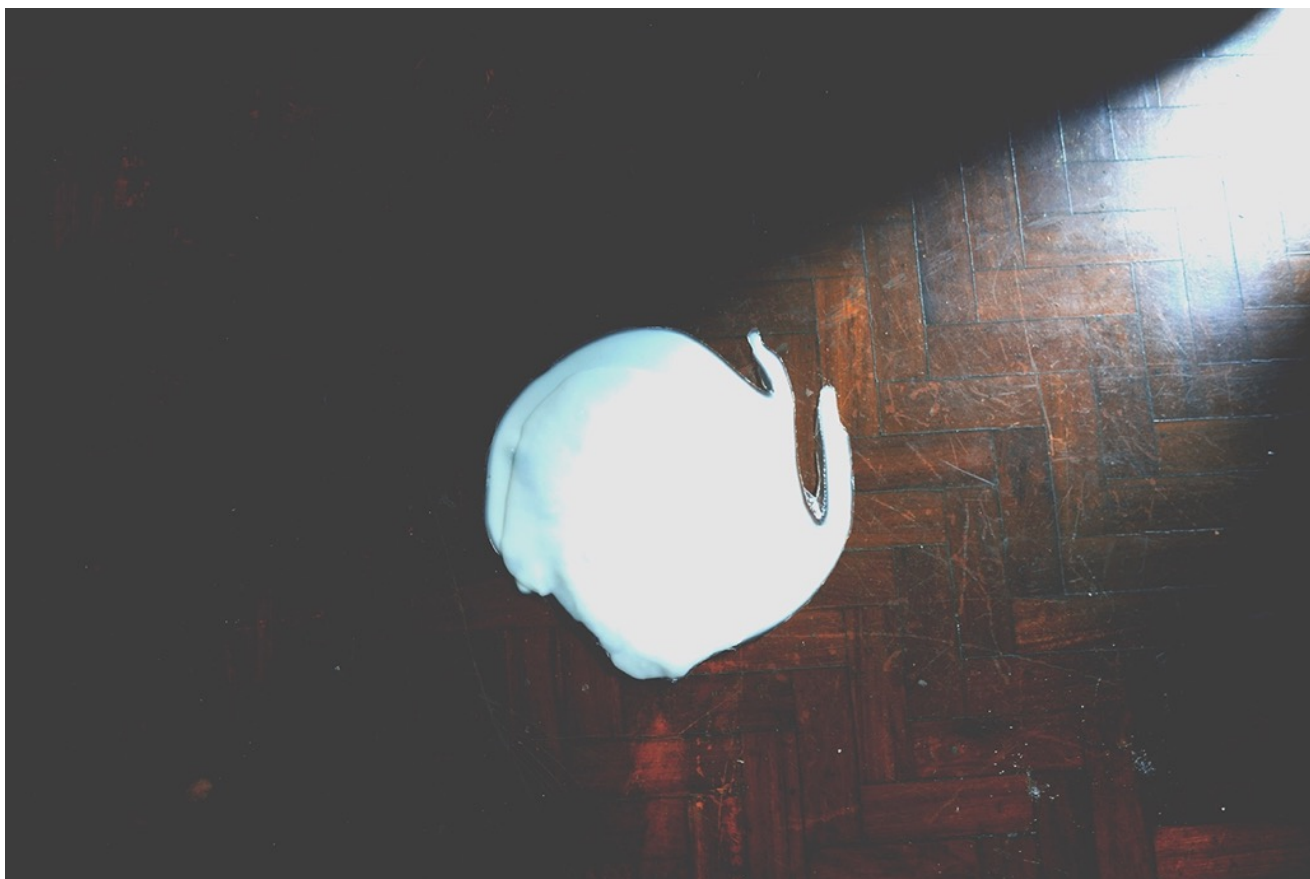
O ciclo de manuseio do leite, e das tetas que o criam, fala de uma “mercantilização com base no gênero”, na qual a produção do leite e de produtos dele derivados exerce, sobre o ciclo reprodutivo da fêmea, uma espécie de violência sexualizada. Tal ciclo, uma vez que está fundamentado na reprodução, constitui-se como uma questão cosmopolítica e feminista, entendendo-se aqui o feminismo multiespecífico [entre humanas e outras-que-humanas como vacas, cabras, ovelhas e grãos] – ou antiespecista –, que trata politicamente desses leites não-negociados com outras mamíferas, bem como problematiza os sistemas de subalternização humana e outra-que-humana envolvidos na amamentação prolongada [para além das recomendações da Organização Mundial de Saúde] e interespecífica [entre as espécies: humanos mamando em vacas, por exemplo, mas sem a relação corpo a corpo, portanto sem a negociação e sem a relação mamífera], mediada por campos laticidas altamente tecnificados para animais não-humanos e humanos também.

A questão do leite não atravessa apenas essa relação interespecies, perfurando a falaciosa divisão homem/animal, mas também é atravessada por experiências de raça, gênero, sexualidade baseadas em uma taxonomia humanista que transforma o tratamento mercantil da espécie em um commodity a ser explorado. Portanto será essencial adotar aqui perspectiva teórica plural.

As FCs se propõem como uma pesquisa que questione estas e outras urgências, permitindo que a arte e a filosofia, aliadas às outras disciplinas mais “duras” (como a biologia e a física-química do Sistema Terra), operem como produtoras de realidades possíveis e não apenas como tradutoras da crise; que operem como propositoras de respostas moleculares a ela, não servindo apenas como, para citar Lévi-Strauss, mais uma reserva ecológica dela no contexto do Antropoceno. “Por várias vezes, as considerações anteriores fizeram aflorar o problema da arte, e talvez se pudesse, rapidamente, indicar como, nesta perspectiva, a arte se insere a meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico ou mágico, pois todo mundo sabe que o artista tem, ao mesmo tempo, algo do cientista e do bricoleur.” [1989].

Seguindo, entre outras, essa linha de pensamento traçada por Lévi-Strauss, a fissura disciplinar deste projeto propõe uma fuga polifônica – ou poliepigênica – nesse sentido: tirar o artista do lugar de sustentação da crise para que a crise não possa mais se sustentar, pelo menos não com o auxílio das artes. “No mundo

indígena todo mundo é artista”, disse Jaider Esbell [2021]¹. Derrubar o muro que cinde as disciplinas – artes, filosofia, ciências... – é também permitir que a co-constituição de mundos se dê a partir dessa invasão pela reserva ecológica no espaço, justamente, reservado ao pensamento domesticado, desfazendo mais um dualismo perpetuado ao longo da história ocidental.



Poça primordial ou lago de babel - estudo, 2022 - leite de cabra, leite de vaca e resina de alta viscosidade 70 cm x 100 cm

¹ <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/45021/24383>

O processo de industrialização ainda não se libertou do imaginário do leite. Por quê? Seria porque, como bem lembra o teólogo Vitor Westhelle, “na fé cristã, Deus se encarnou em um mamífero”? O cristianismo substituiu a ideia de leite pela *palavra de Deus*; o leite do pai é o verbo, único alimento dos filhos, é o leite da sabedoria, por oposição ao leite sujo da mãe, que nada tem de transcendental e que escorre criança abaixo². Para além da dupla fantasia pastoral, uma das respostas possíveis talvez esteja em algum lugar do que se convencionou chamar Via Láctea, este pedacinho tão *sui generis* do céu [ocidental]. Como dizem Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro em “Há Mundo por Vir: Ensaio sobre os Medos e os Fins” [2014], “o regime semiótico do mito, indiferente à verdade ou falsidade empírica de seus conteúdos, instaura-se sempre que a relação entre os humanos como tais e suas condições mais gerais de existência se impõe como problema para a razão”. A escolha deste tema passa pela observação de que: 1) não por acaso, essa metafísica industrial em relação extrativista com a substância é alimentada e fortalecida pelo negacionismo da realidade dos leites humanos e outros-que-humanos; 2) o comportamento da substância leite e das operações de negação da realidade levam à constatação de que ambos, leite e negacionismo, são hoje commodities em torno das quais orbita boa parte da indústria. Não existe, no contexto brasileiro, pesquisa em filosofia que se disponha a problematizar essas relações. Fabulações Contranegacionistas pretende inaugurar esse lugar, sublinhando o que já disse o filósofo Paul Preciado, a saber que “o feminismo não é um humanismo”. A justificativa também passa pelo desejo de tentar lutar pela promoção de novas formas de parentesco, proposta por Haraway], que entendemos deverem ser também acadêmicas, colaborando para a familiarização de um campo pelo outro.

Mas por que a única sociedade que cultivava uma relação patológica com a substância leite é a ocidental? São muitos os mitos de origem que coabitam a história deste pedaço de um céu que nos guia e cujas constelações estelares compõem aquilo que chamamos de Via Láctea [caminho de leite], um aglomerado de centenas de bilhões de estrelas com um buraco negro no meio e cuja idade aproximada é de 13 bilhões de anos. Mas esse céu sofre variações a depender da posição geográfica, ou melhor, da posição etnográfica do observador e da maneira como ele o observa. Algumas das principais constelações que compõem a Via Láctea são Andrômeda, Ursa Maior, Ursa Menor, Cão Maior, Cão Menor, Pégaso, Fênix, Órion e Cruzeiro do Sul, que vem a ser a mais importante do hemisfério sul e não pode ser vista do hemisfério norte. As Guias do Cruzeiro do Sul [alfa e beta do Centauro] e a Via Láctea são chamadas Yawat iwakakape, literalmente “caminho do céu” pelos indígenas Kamayurá. A Via Láctea é também chamada de Caminho da Anta [Tapi’i rapé, em guarani] pela maioria das etnias dos indígenas no Brasil, devido principalmente às constelações representando uma Anta (Tapi’i, em guarani), que nela se localizam. Em algumas mitologias asiáticas ela é chamada Tianhe, um rio celeste, ou mesmo Tengershe, uma cobra aquática e Tianchuan, um barco navegando

² Recordo-me da história popular de São Mamão [minha tradução para Saint Mamant], o curioso caso do homem com seios inchados de leite, alimentando uma pobre criança abandonada e faminta, uma metáfora que ilustra a capa [e o conteúdo] do livro *Lait Du Père*, de Roberto Lionetti, e que sequestra a substância leite para o espaço da fé cristã e patriarcal. Aqui: <https://www.editions-imago.fr/ouvrage-24-Le-Lait-du-p%C3%A8re>

no rio. Na Polinésia, no Taiti, ela são peixes nadando em uma enseada. Para os Maori, ela é waka: uma canoa bem ancorada. Aborígenes da Austrália vêem na Via Láctea um rio com moradias que se estendem por seu leito e a chamam de Wodliparri (wodli = cabana, parri = rio). Algumas narrativas indígenas norte-americanas a têm como “o caminho dos mortos”; as estrelas são as fogueiras acesas durante a viagem. São inúmeras as interpretações mitológicas da galáxia, notavelmente quase sempre considerada um rio ou caminho: “Rio” para os árabes, “Rio da Luz” para os hebreus, “Rio Celestial” para os chineses, “Cama do Ganges” para a tradição sânscrita. Para alguns povos inuíte, a faixa brilhante forma o “caminho das cinzas”. Em algumas culturas africanas ela vem da história de uma menina que marcou seu caminho para que seu povo pudesse encontrá-la. Para os cheyennes, a Via Láctea é o rastro de poeira deixado pela corrida entre um búfalo e um cavalo. Alguns turcos conheciam a galáxia como Hadjiler Juli ou “estrada dos peregrinos”. Mas nenhuma dessas mitologias fala de leite como o faz a mitologia grega, que a nomeia e a faz espalhar por todo o ocidente. O caminho de leite da galáxia, do grego “gala”, “galaktos”, leite, foi criado por um jato de leite saído do peito de Hera, mulher de Zeus, madrasta de Hércules. Certa noite, enquanto dormia, Hera foi surpreendida com bebê Hércules levado ao seu seio por Zeus [alguns dizem que foi Atenas]. Ao dar-se conta disso, Hera arranca o peito da boca de Hércules – que mamava tão forte a ponto de causar muita dor a Hera –, e o empurra para longe. É nesse instante que o leite jorrado do peito de Hera se espalha através dos céus, formando então o que chamamos de Via Láctea, do latim, caminho de leite. O destino extraordinário do pequeno Hércules já havia começado e, quem sabe, é daí que vem parte de sua força para, futuramente, realizar os doze trabalhos impossíveis.

Parece-me necessário ainda fazer uma revisão crítica do mito, a qual que deve ser atravessada por estudos descoloniais, de gênero, de tópicos da imaginação conceitual indígena e, definitivamente, do que Marisol de La Cadena chama de aberturas onto-epistêmicas, conceito-chave para seguirmos em nossa tentativa de reconfigurar mitos e realidades em fabulações contranegacionistas para o Antropoceno. Justifico, também, nos encaminhamentos finais, a importância de concentrar essas fabulações no contexto latino-americano, ao registrar e mapear fabulações radicais realizadas por mulheres-artistas que hoje interseccionam linguagens e friccionam campos de atuação, apontando para outras forças de ação e modos de estar no mundo; suas especificidades confirmam a necessidade de ampliação de estudos interseccionais entre artes visuais e filosofia.



Frame de "Poéticas do leite, políticas do céu", 2021 - leite de cabra exposto sob temporais de 3 anos

Uma das derivas dessa pesquisa é aprofundar e estender o que se principia a seguir: um pequeno léxico conceitual–imagético – informado por campos disciplinares diversos e que abre o leque para a construção de um glossário polifônico dentro do que seriam essas FCs e que, a partir delas, podem formar um pequeno microcosmo especulativo:

LACTATION: Assim como a plantation, a lactation é um sistema de exploração colonial, imperialista, que se estrutura sobre quatro patas: 1) grandes latifúndios, 2) monocultura, 3) trabalho escravo e 4) exportação para a metrópole. Na lactation as vacas leiteiras são criadas especificamente para produzir grandes quantidades de leite, são obrigadas a dar à luz um bezerro por ano a fim de produzir leite durante pelo menos os 10 meses seguintes e, em geral, são inseminadas artificialmente dentro de três meses após o parto. As vacas leiteiras muitas vezes só podem produzir um rendimento muito alto de leite por uma média de 3 anos. Depois desse tempo, são abatidas e sua carne é consumida. São vacas velhas e não servem pra mais nada. Não por acaso, somos a única sociedade a desenhar, de certo modo, a plantation láctea, a lactation, como um “geoglifo” performado por mamíferas bovinas.

LACTATIONOCENO: Era geológica determinante para o modo de vida mamífero e que data da criação do mito da Via Láctea, começando nas estrelas, passando pelas amas de leite, vacas, cabras e ovelhas, até chegar nos grãos [soja, arroz, aveia...].

LÍNGUA LÁCTEA [LEITE É LINGUAGEM]: O leite produzido no encontro entre lactante (quem secreta) e lactente (quem absorve) é um composto químico complexo, um combinado de água, gorduras, açúcares, proteínas e sais minerais e cuja composição inexata é ajustada sob medida, sob demanda do lactente, da boca de quem mama; ou seja, leite é comunicação e relação. Conforme o rebento cresce e se desenvolve, essas glândulas mamárias produzem nutrientes sob medida, em uma comunicação perfeitamente calibrada, falada nos códigos mágicos dessa língua láctea. Estudos com primatas, vacas, mulheres, marsupiais e cervas comprovam que a composição do leite é diferente quando se trata de um bebê macho ou fêmea, o que significa que há também demandas de sexo específicas. Quando o bebê está doente, ele manda informações via saliva para o mamilo, que em seguida os envia às glândulas mamárias para que estas produzam os anticorpos específicos necessários. Não parece, mas o lactente não atua de maneira passiva, apenas abrindo a boca para receber o leite jorrado: a própria atividade é iniciada por ele. Por ser específico, leite é um produzir-com, uma relação: ele é tecido sob medida para o filhote mamífero daquela espécie. O que não quer dizer que as espécies não possam negociar esse leite entre si. Saliva e glândulas fazem da boca que se fecha sobre o mamilo um canal vital de nutrição e de imunização. O leite é multiespecífico em sua composição, sendo veículo de bactérias e vírus: leite é onde podem habitar outras espécies. Leite é uma língua, a primeira língua, é uma língua-mãe.

LEITE ZUMBI: A pecuária leiteira teve início no Brasil já em 1532, mas foi em 1950 que, acompanhando o surto de industrialização, passou a introduzir no vocabulário lácteo os tratamentos – esterilizações – térmicos como pasteurização e processos UHT – processos de aplicação de calor e frio, que eliminam todos os microorganismos patogênicos do leite, segundo explica o portal MilkPoint. Por agente patogênico (do grego: πάθος (pathos), “sofrimento”, “paixão” e -γενής (-genēs) “produtor de”), compreende-se vírus, bactérias, protozoários, fungos, etc. Ou seja, para que o leite [das milhões de vacas anônimas] circule e escorra para os bichos humanos mediados por latas, caixinhas tetra-pak ou garrafas de plástico, é necessário zumbificá-lo, torná-lo um morto-vivo. Estudos comprovam que a onipresença transbordante e excessiva desse leite morto-vivo, desse zumbi, na dieta ocidental, tem sido um dos grandes responsáveis pelo aumento de massa corporal – massa gorda – em crianças e adolescentes ao redor do mundo, sobretudo nos países em que se observa progressiva ocidentalização [da dieta], chegando a ser considerada uma espécie de epidemia global.

TODO LEITE É LEITE MATERNO – EXCETO O QUE NÃO É: Como sabemos, desde o início daquilo que se denominou a história da filosofia (já com os filósofos pré-socráticos), a matéria vem recebendo diferentes definições e conceitualizações. Na linguagem comum, matéria é a substância da qual são feitas as coisas. “Matéria” deriva do latim, mater, que significa exatamente: mãe. Matéria e maternidade têm o mesmo radical: causa, origem, fonte. E, olhando bem, matéria tem um quê de substância [Na filosofia aristotélica, a matéria é a fonte de indeterminação que, juntamente com a forma, constitui a substância.], porém um tanto quanto concreta, tal qual é o leite. Todo leite é materno nesse sentido, todo leite, seja o que é sugado pelo bebê (humana ou não humano) diretamente da mãe (humana ou não humana), seja aquele do qual a indústria e o capitalismo se apropriam, capturam, escravizam e vendem, é sempre leite materno. O leite que compõe boa parte de produtos industrializados é o leite de uma mãe que deixou de amamentar. Mais é também sobretudo no mundo humano que o leite se dá em corpos não maternos, ou seja, corpos cis ou trans que não necessariamente pariram suas crias, corpos com ou sem útero que adotaram crias vindas de outros corpos com útero, e podem vir a amamentá-las ao peito por meio de estímulos físicos [bombas de ordenha] ou químicos [remédios estimulantes do leite]. Visto dessa perspectiva, nem todo leite é leite materno. No mundo extra-humano também existem machos mamíferos que amamentam; o morcego Dayak Fruit, por exemplo, não dá à luz os seus rebentos, mas os amamenta. Estamos aqui falando apenas dos mamíferos, mas também há todo um espectro de extramamíferos que compõem esse cenário, o que também põe em questão a afirmação de que todo leite é leite materno, dependendo do que seria o próprio materno: uma mãe e, ainda, uma mãe que pariu. Posso afirmar que todo leite é leite materno se estou considerando leite como uma experiência da matéria, uma experiência radicalmente imanente que não dá espaço para transcendências paternas, paternalistas ou patriarcais? Dizer que todo leite é leite materno é também pensar nessa etimologia, no mater de materno, que é o mesmo mater de matéria. É por isso que falar de leite como leite materno, já dando uma enorme volta nessa afirmação, atravessando a cadeira extramamífera, industrial e extra-humana,

nos traz para um outro sentido do materno.

FALOCENO - Faloceno é um termo que uso para citar o que convencionou-se nomear Antropoceno. 1784, ano do projeto catapultador da revolução industrial, o do motor a vapor de James Watt, engenheiro que procurava uma maneira de aumentar a eficiência do motor, ou seja, produzir trabalho e minimizar os custos com o carvão utilizado como combustível, é o exato ano sugerido por Paul Crutzen e Eugène Stoermer para ser o início do Antropoceno: uma nova época geológica que põe fim ao Holoceno e na qual o maior agente transformador do clima do planeta terra é o homem. Acontece que 1784 também é o ano em que Kant publica a “resposta à pergunta ‘o que é o iluminismo?’”, um manifesto que define o programa político moderno do uso público da razão livre e autônoma, a liberdade de expressão, a estruturação da consciência moderna, a conquista do mundo e da natureza pelo homem. O mesmo 1784 é ainda o ano em que Marquês de Sade é transferido para a Bastilha, onde concluirá a sua obra magna, os 120 dias de Sodoma, estabelecendo o paradigma da arte moderna: “o direito de dizer tudo” ou a filosofia na alcova. Diante desse curioso contexto cósmico, proponho o Faloceno, uma alternativa ao Antropoceno que, creio, conversa mais com os nomes dados a essa mesma época por Jason Moore, Capitaloceno, e por Donna Haraway, Chthuluceno. Digamos que liberdade e autonomia, vistos na modernidade como retratos de nossa grande esperança para a humanidade, hoje nos aparecem como conceitos mais que problemáticos, que de certa forma geraram o Antropoceno, além de catapultar o projeto neoliberal no capitalismo pós-industrial. Conceitos que não podiam ter sido forjados senão por um gesto branco, humanista, cismasculino, heteropatriarcal, e falocêntrico, diante da complexidade vital que constitui a matéria do mundo, os mundos e os diferentes modos de experimentá-los? Não se trata, aqui, de genitalizar o conceito, mas sim de tratar o falocentrismo, o falogocentrismo, como algo relativo a um sistema de poder e de opressão de certos corpos em detrimento de outros corpos, humanos e outros-que-humanos.

APLV: A MENSAGEM DAS VACAS - APLV, a alergia à proteína do leite de vaca, é uma mensagem das vacas enviada por um erro de tradução mesmo-que-humano dessa língua. O aleitamento materno humano exclusivo durante os seis primeiros meses de vida parece ter um efeito protetor na diminuição da incidência de APLV. Estudos mostram que, quando a amamentação exclusiva se dá por tempo inferior a esse período, principalmente quando a interrupção ocorre antes dos 4 meses, as chances de desenvolver doenças crônicas, como a alergia, são maiores.

GALÁCTEAS - Tanto o leite que sobe quanto o leite que desce de toda e qualquer teta mamífera tem, em sua composição, algo em comum que os liga e que eu gosto de chamar de mel das tetas: a lactose. A lactose é um açúcar que constela as glândulas mamárias e produz as galáctas que nos tornam parentes. Lactose é um açúcar comum a todas, lactose é a língua comum às línguas mamíferas: é um hidrato de carbono, mais especificamente um dissacarídeo, composto por dois monossacarídeos: a glicose e a galactose. Como

pensar o estados matéricos dessa coisa amorfa, informe, mutante, inconstante, leitosa, específica e multiespecífica, que contém nela mesma a própria vida e cujo direito de existir enquanto tal lhe foi tirado? O estado de exceção das vacas e de todas as mamíferas, por conseguinte o estado de exceção da substância leite, vai dar continuidade a que tipo de humanos e mamíferos a médio e longo prazo? Se estamos vivendo um período de *lactation*, onde o leite é retirado de contexto para servir ao que podemos chamar de progresso, ou melhor, à obsessão - de uma grande parcela da humanidade - em tornar-se dependente em escala industrial de uma substância secretada das glândulas mamárias de milhões de fêmeas até o final da vida, como reconfigurar esse processo de modo que vacas, mulheres, cabras, ovelhas e outras mamíferas voltem a ter um mínimo de direito sobre seus corpos, suas línguas maternas, sobre a amamentação de seus rebentos?

PLACAS TETÔNICAS [DESCIDA DO LEITE X SUBIDA DO LEITE] – O seio que amamenta é, de fato, perigoso: dispositivo contrapatriarcal por excelência, improdutivo e contraprodente do ponto de vista produtivista, criador da maior substância viva que o capitalismo precisa extirpar por não conseguir copiar, tal como o útero. Amamentar não é sacrifício e não é sagrado, amamentar é um gesto de coragem para com a vida, como diz Cristine Takuá³. A descida do leite é também popularmente conhecida, no Brasil, como lua de leite⁴: momento em que parturiente e neonato levam para se conhecer e fortalecer seus laços. *É neste contato pele a pele, entre mãe e bebê, na primeira hora pós-parto, que acontece o maior estímulo à amamentação. Esse contato ainda ajuda a manter o bebê aquecido, regulando a frequência cardíaca e a respiração*, escreve Juliana Xavier no portal da Fiocruz⁵. Apojadura, a descida do leite, é o tempo de preparação dos seios para a saída do

³ Em 2019, durante o ciclo de palestras Selvagem, promovido por Anna Dantes no Jardim Botânico, no Teatro do Jardim, Cristine Takuá, professora, filósofa, cantadora e rezadeira Maxakali, durante sua fala fez uma analogia do enfrentamento das crises do Antropoceno com o processo de amamentação. Ao contrário da noção de sacrifício, da menção de uma dimensão sacrificial [cristã?] que estaria no seio da amamentação, Cristine disse que é preciso não desistir e ir adiante *como quando o bebê nasce e a gente dá de mamar, a gente dá de mamar e no início dói, dói muito, e nessa hora é importante e é preciso ter coragem, amamentar é um gesto de coragem, se você tiver coragem, você consegue seguir*.

⁴ Em junho de 2019, cabra, vaca, ovelha, monika e eu fomos agentes de um experimento laboratorial no qual os leites destas fêmeas foram observados durante 21 dias e fotografados a cada 7 minutos. Ao todo foram cerca de 6 mil fotografias e, com esse material montamos, Luisa Marques e eu, um timelapse mostrando o comportamento desses leites distendidos no tempo e no espaço. Para a composição sonora, feita em parceria com Orlando Scarpa Neto, gravamos e manipulamos leites de diferentes densidades [karoline, vaca, cabra e ovelha] com hidrofones, em um laboratório improvisado na cozinha de Orlando, que materno esses leites comigo. Durante essa janela, a urgência dos leites foi se mostrando nos copos, se solidificando, atraindo insetos e fazendo com que aquela experimentação se tornasse, talvez, inócua. No entanto, como resultado apresentado, a única verdade científica ali era política: a certeza que eu tinha em relação àquele material, àquele matéria, é de que apenas o leite de monika tinha sido negociado e que esse leite, na verdade de monika e leo [que na época tinha 6 meses] vinha das tetas de monika e tão somente delas. Cabra, vaca, ovelha: sujeitas anônimas lactantes e cujos leites também sem nome me foram vendidos por um mercadinho orgânico qualquer; leites misturados de fêmeas de cada espécie, cada uma em seu pacote, processados e ajuntados por um maquinário do sistema laticida que muito provavelmente não os negociou com humanos e humanas como eu. Cabra, vaca e ovelha não tinham um rosto nem um nome próprio. Por isso escolhi grafar monika com m minúsculo e ocultar seu sobrenome e sua história, dessubjetivando em alguma medida seu leite e o colocando em uma conversa estranha, provisória e precária com os leites das outras fêmeas anônimas, invisíveis e invisibilizadas. No final do experimento do timelapse, fotografei os quatro copos de leite de cima e, ao observar a imagem, percebi que de fato haviam se formado quatro luas em texturas e formas diferentes, mas todas se assemelhavam a uma lua, cada uma a seu modo, eram luas de leite. Em uma brincadeira com as imagens, transformei o tamanho de cada uma dessas luas, para torná-las proporcionais ao fluxo de capacidade de produção diária de leite de cada uma dessas fêmeas lactantes 3,5 litros, 7,5 litros, 20 litros e 1,5 litros, proporcionalmente. Sobre elas apliquei uma camada de cor chamada Cosmic Latte [CMYK 0, 2,7, 9,6, 0], que vem a ser o nome dado à cor média do universo, da Via Láctea, observada por uma equipe de astrônomos da Universidade Johns Hopkins em 2001. Aqui: <https://vimeo.com/370704714>

⁵ <https://agencia.fiocruz.br/primeira-visita-ao-beb%C3%AA-cuidados-com-higiene-s%C3%A3o-fundamentais>

primeiro leite de um corpo que recém-pariu. Além de muitas dores por todo o seio, muitas vezes concentrada nos mamilos, ela pode durar de cinco até o vigésimo primeiro dia de pós-parto. É um processo difícil, que compreende supostamente um sacrifício, um gesto sacrificial, uma dor lancinante e quase insuportável que, com o tempo, torna-se prazerosa e mais fluida. Em uma alusão à lua de mel, a lua de leite promove vínculos afetivos mais sólidos e importantes para o desenvolvimento socioafetivo da bebê, além de o contato pele a pele na primeira hora de vida, que é importante para aumentar a duração do aleitamento e reduzir a mortalidade neonatal. Descida do leite, no entanto, é uma expressão majoritariamente latino-americana para a apojadura. Na Europa, em especial na França, ela é conhecida como “subida do leite”. O que isso pode ter a dizer sobre a experiência do corpo no ocidente extremo e no ocidente latinizado e indígena do qual nós estamos mais próximas? Por que essas diferenças se dão e como elas se dão? O que são essas diferentes perspectivas entre o que sobe e o que desce e por que o leite entra nessa jogada transcontinental: essa é uma pergunta a ser respondida longamente com um mapa das placas tectônicas da terra. Como a transcendência e a imanência entram nessa determinação vocabular?



Ovo de leite, 2022 - leite de cabra, ovelha e natalia com resina de alta viscosidade, 6 cm x 4 cm

É preciso que alguma metodologia negociada e compartilhada entre a Ciência e as ciências⁶ [Exatas e da Terra, Biológicas, da Saúde, Quilombolas, Agrárias, Indígenas, Sociais Aplicadas, Humanas, Mais-que-humanas...] nos guie nesse percurso. E é nesse sentido que aponta o título do projeto: partiremos da matéria Leite para pensar-com ela e a partir dela, para, em uma espécie de autoetnografia conceitual dessa substância, entender o quê dos mitos de criação da Via Láctea transborda no seio multidisciplinar do Antropoceno. É ao redor do Leite e ao lado das ciências que, aqui, as Fabulações Contranegacionistas se pensam e se constroem na intercessão entre o campo da filosofia e o das artes visuais.

O caminho – ou o método – trilhado para a construção desta pesquisa parte do meu ponto de vista – e de experimentação –, meu “pensamento situado” enquanto artista visual interessada em articular pensamento e prática, entrelaçados ou, para usar mais um termo harawayano, emaranhados às outras disciplinas, aos outros campos do saber. O método também passa por percorrer o caminho na contramão: desempacotar os produtos desse regime de consumo e re/produção lácteos para reconstituir o seu percurso: o leite reconstituído. Nesse sentido é importante me aliar com outros pesquisadores e teóricos que, nesse ponto da história, estão atentos aos mesmos problemas ainda que de perspectivas – e disciplinas e realidades – distintas. Num projeto como este, um modo de explicitar a metodologia é dar uma espécie de amostra do modo de olhar, de escutar, e de escolher com quem fazê-lo. Aqui, não opero como quem possui uma maquinaria crítica de antemão, mas com proposições teóricas às quais a pesquisa pode ter maior ou menor aderência ao longo do processo. Nesta metodologia, incorporam-se as recentes discussões teóricas sobre “feminismo multiespécies”, “metafísica industrial”, “arte pós-autônoma”, “aberturas onto-epistêmicas”, “negacionismo climático” e “desaceleracionismo científico” especulando, ainda, sobre uma possível virada ontológica nas/das artes em Fabulações Contranegacionistas. Déborah Danowski, Nestor Garcia Canclini, Josefina Ludmer, Donna Haraway, Marisol de La Cadena, Jaider Esbell, Isabelle Stengers, Esther Lesley e Melanie Jackson são alguns dos pares teóricos que me auxiliam a organizar esse caminho de leite.

Minha trajetória nas Artes Visuais – quase sempre lida como conceitual pelo sistema da arte – sempre foi contaminada pela filosofia, pela antropologia, pela biologia, pela química e pelas ciências sociais. Ao eleger a substância leite como epítome do meu problema para pensar conceitos-chave que norteiam a pesquisa, o método de trabalho é ir descascando cada atributo desta matéria – ou cada característica a ela atribuída – e compreendê-la a partir do ponto de vista – e de análise crítica – das disciplinas separadamente, para confrontá-

⁶ Em *Políticas da Natureza*, Bruno Latour faz essa diferenciação entre a *Ciência*, com C maiúsculo, e as *ciências*, com c minúsculo. Essa estratégia é usada para explicar quando uma ou outra está em jogo: a primeira denota a concepção epistemológica do termo, associada a uma suposta produção de verdades incontestáveis, construída ao longo da modernidade para submeter as controvérsias sociais e políticas e que não se sustenta mais. A segunda, *ciências*, é usada para referir às práticas de produção de conhecimento científico, por meio da qual os cientistas eles mesmos lidam com questões controversas, que envolvem a perplexidade diante de possíveis novos agentes outros-que-humanos e a decisão de aceitá-los ou não. O objetivo, aqui, é manter à vista a “construção” dos fatos objetivos, enquanto a *Ciência* só apresenta o resultado final desta construção, como se o fato fosse uma revelação feita apenas aos cientistas. Nesta caso a ciência estaria mais para um processo e menos para uma verdade científica estabilizada].

las e emaranhá-las a posteriori, revelando um léxico conceitual-científico para a construção dessas FCs. Neste espaço e com o apoio institucional do CNPq, abre-se a possibilidade de inaugurar uma real produção epistêmica entre arte & filosofia emaranhadas a partir de interações bio-físico-químicas que sedimentam histórias produtoras de realidades.

A partir do momento em que se consolida a percepção de que o leite é uma tecnologia regulada por saliva e glândula mamária, e que essa tecnologia se estrutura como uma primeira língua, como a maneira mais arcaica que mamíferos usam para se comunicar, fica evidente que esse leite, esse produzir-com, é produto de uma relação comunitária multiespecífica [vírus, bactérias e organismos de outras espécies presentes no trânsito lácteo]. O método segue sendo o do mergulho [metafísico e metabólico] dentro da teta cheia de leite que se esvai sobre a boca de alguém, ainda que isso desafie o problema ontológico que é a própria definição – humanista – de linguagem. As FCs aqui propostas são, também, recuperações daquilo que é negado historicamente aos outros-que-humanos, como por exemplo, justamente, razão e linguagem. O método das FCs é esse mergulho indisciplinar e profundo na capacidade microcós mica de invenção, no olhar dedicado e delicado sobre essa substância.

Em 2023 foi publicado no Brasil *Uma outra ciência é possível*, da filósofa Isabelle Stengers, livro que ajuda a embasar conceitualmente o que quero com as FC's diante do sistema-leite. Stengers bate na tecla de que é preciso desacelerar as ciências para que possamos compreender – e agir – no Antropoceno. E que precisamos fazer as perguntas erradas aos cientistas para que as crises sejam melhor enfrentadas. “A simbiose da ciência rápida com a indústria vem privilegiando estratégias e conhecimentos desconectados e abstraídos das complicações bagunçadas deste mundo. Mas, ao ignorar a bagunça, e sonhando com sua erradicação, descobrimos que bagunçamos ainda mais nosso mundo. Desse modo, eu definiria a ciência lenta como a operação exigente que retomaria a arte de lidar e aprender com aquilo que os cientistas frequentemente consideram bagunçado, isto é, aquilo que escapa às categorias gerais, ditas objetivas.” A bagunça de que fala Stengers é, entre outras coisas, o caráter poliepistêmico dos objetos de estudo das ciências, comumente tratados de modo purificado em observação civilizada pelos cientistas. “Bagunçar” e “ralentar” são modos de recobrar o que poderíamos chamar de cosmovisão para compreender determinados acontecimentos, como, no nosso caso, os leites. Stengers é a filósofa das ciências que mais nos ajuda a pensar um parentesco entre as disciplinas e que, com sua metodologia de “ecologia de conexões parciais”, aponta para um caminho justo no qual, aqui, quem fará as perguntas erradas será uma artista.

Em 2012, o pesquisador de estudos culturais latino-americanos Néstor García Canclini [2012] debateu a hipótese de uma “arte pós-autônoma”, defendendo que o campo das artes visuais precisa se articular com indagações de outros campos, de modo a construir outras ferramentas para análises críticas. Numa mesma produção de fendas, o trabalho da antropóloga Marisol de La Cadena vem contribuindo significativamente

para o que se chama de "virada ontológica" – que começa na antropologia e se estende aos outros campos – e que ela prefere nomear "aberturas onto-epistêmicas" [2015], a partir da etnografia conceitual "Earth beings. Ecologies of practice across Andean worlds", em um deslocamento das formas de narrativas que articula um modo de tradução palpável e dá sentido ao que ela chama de "nós complexo".

No capítulo "Playing String Figures with Companion Species" de "Staying with the Trouble" [2016], a bióloga e filósofa Donna Haraway situa o que ela alinhava como feminismo multiespécies a partir das narrativas, da contação de histórias e da feitura de mundos e com elas alcançando experimentações práticas e teóricas sobre se viver e morrer junto em um planeta ferido. A Haraway interessa recuperar a complexidade das histórias que contam a história das vidas na terra, e não recuperar ou restaurar a terra propriamente, mas lidar com o problema procurando "histórias reais que também sejam fabulações especulativas e realismos especulativos [...], nas quais os atores de várias espécies estão em traduções parciais e imperfeitas através da diferença". As diferenças, para Haraway, refazem formas de viver e de morrer em sintonia com o florescimento finito ainda possível, a recuperação ainda possível. Nesse sentido, cultivar as diferenças disciplinares é manter vivo o encontro entre elas.

A artista plástica Melanie Jackson, juntamente com Esther Leslie, professora e pesquisadora em teoria política e poética da ciência e da tecnologia apontam, na publicação "Deeper into the pyramid" [2018], para uma "metafísica industrial" em torno da mecanização do leite, que posiciona a vaca no interior de sua principal fonte, literalmente explorando a substância enquanto uma "tecnologia natural" cooptada para a criação de mitos – neste caso, especificamente, o da Via Láctea. Ao contrário das "String Figures" de Donna Haraway, a metafísica industrial se dá onde e quando a vida e a morte são administradas e reguladas em uma base econômica. Nesse sentido o negacionismo de que fala Déborah Danowski acaba se tornando "commodity" no Antropoceno. É preciso negar a vaca real – e a realidade das vacas – para que o leite seja e esteja infinitamente disponível, fresco, branco, asséptico e central para a dieta ocidental adulta. "Há várias razões para isso [o negacionismo climático], mas talvez a mais importante seja o enorme esforço (político e financeiro) que vem sendo despendido pelas grandes companhias de combustíveis fósseis, de agronegócio e de mineração para semear a 'dúvida', ou melhor, a percepção pública de que ainda há dúvida e controvérsia entre os cientistas a respeito da realidade", aponta Danowski no cordel "Negacionismos" [2020]. E, nesse sentido, "os animais formam provavelmente nosso maior "campo de invisibilidade", mas poderíamos citar muitos outros, todos os miseráveis que não têm o que comer ou onde morar", arremata a filósofa.

Não por acaso, ainda, Marisol de La Cadena, em seu projeto atual [2023] de nome provisório "Making Cow", realizado em território colombiano, busca complexificar as discussões sobre os danos causados pela produção corporativa de gado e suas indústrias, cujo objetivo é pensar e promover "uma ética da vida" a partir da busca etnográfica de práticas de "fabricação de vacas". Sujeita oculta da palavra leite, a vaca segue como

produto de uma fantasia mítica e símbolo da questão biocapitalista.

Se por um lado falamos de trabalho reprodutivo como aquele trabalho invisibilizado – e friso invisibilizado, pois ‘tornado’ invisível e não ‘sendo’ invisível como característica inata – e realizado por uma rede de mulheres que se ocupam de parir e de criar crianças, um trabalho que justamente não é marcado pela produtividade, um trabalho estéril do ponto de vista produtivista, ou seja, uma atividade essencialmente contrapatriarcal e anticapitalista, que não gera lucro nem produto, embora tenha servido de cama para o patriarcado dormir, deitar, rolar, se nutrir e crescer é, aqui, justo o contrário que acontece do ponto de vista das outras mamíferas: hordas de fêmeas vivendo em condições insalubres para alimentar uma sociedade que ainda se vê dependente desse leite de um modo bastante irracional.

Nas FCs entre artes visuais & filosofia a visibilização da desinvisibilização também é escolha metodológica. Se em meu trabalho teórico-performativo aproximo a ideia de carga mental – nem sempre materna, mas sempre feminina – da noção de arte conceitual, aqui o método é transformar a carga [mental] em conteúdo visual-discursivo. Especular, nesse contexto, sobre materfuturismos, é pensar-com a presentificação da experiência do cuidado da matéria – que deriva do latim, *mater*, e que quer dizer, literalmente, *mãe* – e que implica em uma maternagem mais-que-humana e em uma experiência de parentesco que complexifica e engendra outra sensibilidade diante da afirmação “Todo leite é leite materno”.



Luas de leite [monika, vaca, cabra, ovelha] em Cosmic Latte, 2020. Formato variável.



Fofoca [sobre o prato de minha mãe], 2022 - transmissão ao vivo de queijo feito de leites de cabra, vaca, ovelha anônimas e natália em decomposição ao vivo durante 3 meses.



Frames de "Via lactea - uma especulação cosmopoética", vídeo. 2019

Bibliografia relacionada à pesquisa

- AGOSTINHO, P. Mitos e outras narrativas Kamayurá. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009.
- ALMEIDA, R; SILVA, D. Por que vacas leiteiras deixam seus rebanhos. MilkPoint, [s. l.], jan. 2009.
- BAËTA, A. O feminismo não é um humanismo: Paul Beatriz Preciado. Territórios de filosofia. [S. l.], 26 nov. 2014.
- BALLARD, O; MORROW, A. L. Human Milk Composition. Pediatric Clinics Of North America, Cincinnati, v. 60, n. 1, p. 49-74, feb. 2013.
- BARBIERI, C; COUTO, M. As amas de leite e a regulamentação biomédica do aleitamento cruzado: contribuições da socioantropologia e da história. Cadernos de História da Ciência, [São Paulo], v. 8, n. 1, p. 61-76, 2012.
- BENVENISTE, E. Problemas de Linguística Geral 1. Campinas: Pontes, 2005.
- BROWN, W. Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.
- BULMAN, K. Dieu le pere/ Dieu la mere. L'autre Parole - Collective féministe et Chrétienne, Montréal, nov. 1980.
- CALVINO, I. As cosmicômicas. [S. l.]: Companhia das Letras, 1992.
- CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo 2006.
- CASTRO, E. V. de. Exchanging Perspectives. The Transformation of Objects into Subjects in Amerindian Ontologies. In: Franke, Anselm (ed.) Animism, volume I. Berlin/ Nova York: Sternberg Press, 2010.
- CATÁLOGO: Verboamérica, MALBA Collection. Agustín Pérez Rubio; Andrea Giunta. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: MALBA, 2016.
- CAVALIERI, C. La Femme. Paris: Psémata, 2019.
- CAVALIERI, C. Poéticas do leite, políticas do céu, p. 180-206. Em: Flores, Livia; Sommer, Michelle Farias. Cadernos Desilha 3. Rio de Janeiro: PPGAV EBA UFRJ / Ed. Circuito, 2021. P. 180-206.
- CHAKRABARTY, Dipesh. The climate of history: four theses. Critical Inquiry, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009.
- CHEN, Z et al. Prolonged milk provisioning in a jumping spider. Science, [s. l.], v. 362, n. 6418, p. 1052-1055, 2018.
- COSTA, A. & T. ROQUE. "Ciência e política em tempos de negacionismo." Ciência Hoje, 24 dez 2020. <https://cienciahoje.org.br/artigo/ciencia-e-politica-em-tempos-de-negacionismo/>
- COSTA, A. "Negacionismo: O Falso Galileu "; "Democracia' e Chantagem", 2017. <http://www.esquerda.net/artigo/negacionismo-o-falso-galileu-parte-ii-democracia-e-chantagem/52248>.
- COUTINHO, J. F. S. A cosmopolítica dos animais. São Paulo: N-1, 2020.
- DANOWSKI, D. Negacionismos. São Paulo: n-1, 2020.

DANOWSKI, D. CASTRO, E. V. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: ISA e Cultura e Barbárie. 2ª Ed. em 2017.

DANOWSKI, D. Leibniz e a perspectiva. [S. n.], [s. l.], p. [1-23].

DE LA CADENA, M. Earth Beings: Ecologies of Practice across Andean Worlds. Duke University Press, 2015.

DELEUZE, G. L'île déserte: textes et entretiens 1953-1974. Paris: Minuit, 2002.

DERRIDA, J. O animal que logo sou. São Paulo: Edunesp, 2002.

POVINELLI, E. [Entrevista cedida a] Juliana Fausto. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (ca. 35 min). Publicado pelo canal Os Mil Nomes de Gaia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyBLwYflkcE>. Acesso em: 24 nov. 2022.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

FEITOSA, F. L. F. Importância da transferência da imunidade passiva para a sobrevivência de bezerros neonatos. Revista de Educação Continuada. CRMV-SP, São Paulo, v. 2. n. 3. p. 17-22, 1999.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREITAS, A. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GABRIEL, A. B. Materialidade, maternidade e outras matrizes. 2022. 197 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GARAMUNHO, F. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. São Paulo: Rocco Digital, 2014.

GENOUDE, A. E. Les pères de l'église. Paris: Sapia, 1839. v. 4.

GERMANO, B. A. As Constelações Indígenas Brasileiras. Telescópios na Escola, Rio de Janeiro, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://www.telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>.

GOLDMAN, A. S. Future Research in the Immune System of Human Milk. The Journal Of Pediatrics, [s. l.], v. 206, p.274-279, mar. 2019.

GREGERSEN, E. (ed.). The Milky Way and beyond: stars, nebulae and other galaxies. [New York]: Britannica Educational Publishing, 2010.

HACHE, E. (org.). Reclaim: recueil de textes écoféministes. Paris: Cambourakis, 2016.

HARAWAY, D. J. Donna Haraway explica por que se deve fazer parentescos em vez de bebês. [Entrevista cedida a] Marilene Felinto, Cecília Cavalieri e Juliana Fausto. Species: panfleto de antropologia especulativa, [s. l.], n. 0, ago. 2021.

HARAWAY, D. J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARAWAY, Donna J. Staying with the trouble: making kin in the chthulucene. Durham and London: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna J. When species meet. Minneapolis: University of Minnesota Press, c2008. (Posthumanities, v. 3).

LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020

LATOUR, Bruno. Onde Aterrar: Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LATOUR, Bruno. Enquête sur les modes d'existence: une anthropologie des modernes. Paris: La Découverte, 2012.

LE GUIN, Ursula. A ficção como cesto. Trad. Priscila Mello. Publicado originalmente em: *Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places*. Grove Press, 1989.

LEIBOVICI, Franck. A ecologia da obra de arte ou porque não há metalinguagem na arte. *Arte & ensaios*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 220-231, Trad. Cecília Cavaliere, dez de 2017.

LIONETTI, Roberto. *Le lait du père*. [Paris]: Imago, 1988.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Ciberletras - Revista de crítica literária y de cultura*, n. 17, julho de 2007.

MACDONALD Trevor et al. 'Transmasculine individuals' experiences with lactation, chestfeeding, and gender identity: a qualitative study. *BMC Pregnancy Childbirth*, [s. l.], v. 16, n. 106, p. 1-17, 2016.

MASSUMI, Brian. *What animals teach us about politics*. Durham: Duke University Press, 2014

NUNES, Rodrigo. "Are we in denial about denial?" <https://www.publicbooks.org/are-we-in-denial-about-denial/>, 2021.

ORESQUES N. & E.M. CONWAY. *Merchants of Doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming*. Nova York: Bloomsbury Press, 2010.

PAULING, Linus. *Química geral*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1982.

PEDRUCCI, Giulia. Motherhood, breastfeeding and adoption: the case of Hera suckling Heracles. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, Budapest, v. 57, n. 2-3, p. 311-322, 2017.

PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte, 2007.

POVINELLI, Elizabeth A. *Geontologies: a requiem to late liberalism*. Durham and London: Duke University Press, 2016. 232 p.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

REINALDIM, Ivair; SOMMER, Michelle Farias. *Experimentar o Experimental: onde a pureza é um mi(s)to, furor da margem*. Rio de Janeiro: Circuito, 2020.

REY, Alain. *Dictionnaire historique de la langue française*. [Paris]: Le Robert, 2011.

RIBAS, Cristina (ed.). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro: [S. n.], 2014.

SHELL, Marc. *Money, Language, and Thought: Literary and Philosophic Economies from the Medieval to the Modern Era*. [Baltimore]: Johns Hopkins University Press, 1993.

SILVA, Roberta Claro da, et al. Composição centesimal do leite humano e caracterização das propriedades físico-químicas de sua gordura. *Quím. Nova*, São Paulo, v. 30, n. 7, p. 1535-1538, 2007.

- SIMONI, Mariana. Corporalidades especulativas: las mujeres-perro de Angélica Liddell y Paula Rego. In: Callsen, Berit; GROß, Angelika (orgs.). Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2020. p.45.
- SIMONI, Mariana. Narrativas do esgotamento e historiografia brasileira no Antropoceno. *Revista Odisseia*, v. 5, n. Especial, p. 127-143, 20 dez. 2020.
- SOLNIT, R. *Hope in the Dark: untold stories, wild possibilities*. Nova York: Nation Books, 2004.
- SOMMER, Michelle Farias. Poéticas cosmopolíticas: pós cadernos 3. PPGAV UFRJ: Rio de Janeiro: Escola de Belas, Ed. Circuito. 2019. 143p.
- STEFFEN, W et al. "Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet". *Science* 347: 6223. 2015.
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [São Paulo], n. 69, p. 442-464, abr. 2018.
- STENGERS, Isabelle. Uma outra ciência é possível. *Bazar do Tempo* [São Paulo]. 2023.
- VALIM, P.; A. AVELAR & B. BEVERNAGE. Dossiê sobre Negacionismo, *Revista Brasileira de História*, Vol: 41, Nº: 87. 2021.
- WINTEMBERG, W. J. Myths and Fancies of the Milky Way. *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada*, [Canada], v. 2, 1908.
- JACKSON, M; LESLIE, E. *Deeper in The Pyramid. Banner Repeater, Grand Union and Primary*. Nottingham: 2018.
- SERRANO, D. P.; DIAZ, A.A. *Microbiopolitics of Milk*. London: Sternberg Press, 2023.